

Philologia Comparada

ESTUDOS SOBRE A PALINGENESIA

DA LINGUA TUPY

(O. D. ao Exm. Sr. Barão de Studart)

O sublime Paulo de Tarso disse que o homem pacifico tudo converte em paz (1.ª Corinth., 13, 4); porque o que está em paz de *nullo suspicatur*.

Sendo assim, pouco importa que nos culpem de imperfeições n'esta como em outras escripturas nossas: nem ha que espantar havel-as, *sicut homo sumus*, e pela mesma rasão sujeito a errar, como effeito proprio da misera humanidade.

Mas tambem he verdade o que o bom classico P.e Pereira disse no prologo da sua *Historia da India*, «quem quer se faz juiz para reprehender, e condemnar *levemente* as obras dos outros, merecendo entre os taes julgadores especificada menção os que, fundados em presumpção de saber, com pouco engenho e pouca doutrina, querem mostrar *muita* em se fazerem muito *faceis glozadores* das cousas alheias, havendo que fazem tanto em si quanto desfazem n'ellas; e assim dão comsigo em outra sorte de *ignorancia maior*, e mais prejudicial, que a *rudeza*, porque levam traz si muitos dos que sa-

bem menos, enganados de alguma opinião, que tem dos outros, que lhe não precedem tanto no engenho, como na malicia.»

Do que levamos dito bem se pode colligir que impuzemo-nos a obrigação de suspender por momentos o trabalho que estavamos escrevendo sobre «Datas e Factos» para a historia dos Centenarios da fundação do Ceará e —do Gram-Pará—1603—1615,—para dizer duas palavras em resposta a um artigo scientifico, que lemos na diurna FOLHA DO NORTE do Pará de 3 de Janeiro do anno corrente acerca da—«Interpretação do nome *Pauxis*» e outros nomes indianos que se prendem em quanto ao sentido ás nomenclaturas e extructuras de varios vocabulos tupycos do Estado do Ceará.

Tenção não tinhamos de espacejar ou protelar aquelle nosso trabalho, quando deparamos inopinadamente com o alludido escripto, e, confessamos que muito exultamos de haver encontrado com um intellectual que tambem gosta de graphar cousas *difficeis*.

Bem o dizia Cicero: Não he tão preclaro saber cada um a *sua lingua, quam turpis* não n'a *saber*.

Quererá Deus,—*JaneTupana*,—que a critica moderna ignore sempre a nossa bôa glotte—*Nhenhengatú*; ella que a seu respeito não faz mais que por um enigma em vez de uma hypothese?!

Não deve mais de ser assim.

Acreditamos que d'aqui ha pouco não haverá quem não queira aprender de cór e salteado o nosso formosissimo idioma brazileno.

E he isto precisamente o que desejamos e queremos.

He mais uma graça especial, com que o nosso bom Deus quer glorificar a nihilidade e pobreza da nossa tão desconhecida e espinhada lingua Tupy ou Indo-brazilena.

Isto posto vejamos o que escreveu o Sr. Gomes Soares na referida FOLHA DO NORTE do Estado do Pará.

Este ilustre escriptor asseverou que a *hypothese* que formulamos sobre a etymologia dos vocabulos indo-brazilenos—*Pauxis* e *Parécis* «pecca pelo fundamento por se reportar o vocabulo (cada um de per si) a radicaes indo-europeus, o que não é permittido no estado actual da sciencia (sic).»

Muito bem. Sem addusir rasões plausiveis entrá logo o nosso critico em longas divagações.... Conclue elle por achar *inadmissiveis* as *hypotheses* figuradas, substituindo-as homophonicamente por «duas etymologias possiveis, e que não visam os foros de infallibilidade» e, que são: «*Pauxi* vem do peruano *quechua* (?) ou aymara—mutum (!), ou por outra do abanhenga—*puxi* (?) os *maus-os bravos.*»

Em summa consoante o parecer do illustre Sr. Gomes Soares: «*Pauxi* he por homophonia ou paranomasia—*mutum* e *mutum* he *pauxi*, e pauxi he *puxi*, o que he mau, nefando e bravio em abanhenga!»

O que acabamos de graphar he bastante resposta aos que estudam e conhecem a lingua brazilica ou geral—que he a mesma LENGUA GUARANY O' MAS BIEN TUPI», no dizer do sabio jesuita e indianologo Padre Ruyz de Montoya. Como porem nem todos penetram, pescam a tupinidade farei mais longa escriptura com o bom unico intento de purifical-a das falsas interpretações dos profanos, e dos grosseiros e monstruosos erros dos chorographos estrangeiros *medavinos* explicadores.

Já dissemos milhares de vezes e o repetimos agora:—A nossa lingua Tupy ou Indo-brazilena he muito mais escrupulosa no emprego de suas palavras do que muitas das actuaes linguas cultas da Europa.

O egregio tupynologo Dr. Theodoro Sampaio provou exuberantemente na sua importante—*Memoria sobre o Tupy na Geographia nacional*, que «as denominações tupys das localidades ou dos individuos, como todos os epithetos de procedencia brazilica, são de uma realidade descriptiva admiravel, exprimem sempre as feições caracteristicas do objecto denominado como pro-

ducto que são de impressões nitidas, reaes, vivas, como soem experimentar os povos infantes, incultos, no maximo convivio com a naturesa.»

* * *

A lingua Tupy viva ou melhor Indo-brazilena, como desejamos e queremos que assim se lhe chame (talqualmente o sabio philologo allemão Scbleyer chamou a dos Teutões - *indo-germanica*) he formosa *(puranga)* e sonora, e nada *absolute* das dos conquistadores do Brazil tem ella a invejar.

Na composição das palavras e nomes pode ser logo reconhecido o finissimo engenho e arte dos *paráyanas* vel «sages» da raça.

As formas grammaticaes, com os tropos e figuras, manifestam a sua eximia perfeição.

Este famoso dialecto geral não pode e nem deve ser confundido com os dialectos grosseiros das sub-raças.

A lingua Tupy ou Indo-brazilena foi e he sempre a *lingua geral* falada por toda a America do Sul—do Amazonas ao Prata, como asseveraram os illustres indianistas—Montoya, Y-Bandini, Paulo Restivo, Anchieta, Bettendorff, John Luccok e os doutos philologos allemãos—Martius e Seybol. (*)

O erudito Sr. Gomes Soares no seu arrazoado sobre a origem do vocabulo -*Pauxi*—dá a entender que ignora profundamente a lingua *Tupy*, que vive ainda incolume no seio das nossas inviolaveis florestas e que he e foi cultivada por sabios de primeira plana, —como o Dr. Mendes de Almeida, general Couto de Magalhães, Ladislau Netto, Lund, Frederico Seybol, Anffroy de Thoron, Franciot Legal, Barbosa Rodrigues e varios outros;—

(*) Este ultimo, de quem possuimos os trabalhos linguisticos, foi mestre de grego, hebraico e guarany do saudoso e sabio Imperador do Brazil D. Pedro de Alcantara.

em seu logar fala de um pretenso—*aba-nhenga* e d'um —*peruano quèchua*,—nomes estes completamente deturpados, e que nada exprimem; pois, todos nós indianistas sabemos que o tal—*abá-nhenga* he uma grosseira corruptela de um vocabulo tupy:—*áuá-nhenhenga*, composto de *áuá* «gente, pessoa» que he um radical suff., de *ap'gáua*, nome de homem em geral, e de—*nhen-henga* «falla, linguagem», que quer dizer:—falla de gente, como se ao invez houvesse «falla de bicho»!. .

D'onde a não menos exdruxula e grosseira corruptela de—*Nhengayba*, de *nhenhenga*, «linguagem» e *ayua*, «ruim».

PARITER AC: o termo—*quêchua*—applicado ao sagrado idioma de—*Manco-Capak*, o *chefe supremo* (como hoje soe appellidar-se os *tuchauas* politicos...) dos celestes Inkas he falsissimo; porque a origem probabilissima do nome dado á lingua liturgica dos *Inkas*, que são povos visinhos dos *Aymaras* de Cusco e Arequipa,—he—KISHUA—, donde a forma moderna e *puranica* (puristica) de—KICHUA—que significa propriamente «entrelaçar».

Os Inkas ou Kichuanos, que haviam subjugado os *Aymaras* das Cordilheiras Antinas. não possuiam *escriptura*, esta fora substituida por—*cordelsinhos* com *entrelaçados*, com *variegados* NÓS.

A estas combinações de—NÓS—os Incas denominavam —*Kipu* ou *Kipos*, e lhes foi transmittida esta especie de—*Kipo technographia* pelos povos Chinezes, que por seu turno haviam-na ensinado aos Yaquis, que foram os *Ancêtres* dos Tolteqzs e dos Mexicanos, como affirma o notavel americanista—Mr. L'*Abbé Brasseur de Bourbourg* na sua importante «*Histoire des Nations civilisées du Mexique et de l'Amerique Centrale.*»

E estes mysteriosos—*Kipus*—constituiam desde a mais remota antiguidade a siencia téléologica ou a soberba arte de transmittir longe (téle) o pensamento (logos), hoje representada pela telegraphia electro-dynamyca.

No hebreu ou phenicio—Kɪsʜ—significa o «que he torcido, tramado», e o que ajunta», *mohêtyr*, d'onde o nosso vocabulo indo-brazileno—*moheterum*, contracto em *motyrum* (corrup-*pu'yrum*) significando assembléa, reunião, ajuntamento do povo para o trabalho; ora a palavra *Kish* vel *Kisp*, significando no phenicio «o que se torce e se distorce», infallivelmente o vocabulo peruviano ou incasico *Kispu* vel *Kipu* só pode exprimir uma acção de combinar e unir alguma cousa.

Logo *kipu* ou *kipus* no Kichua tem identica significação que o nome hebraico ou phénicio—*Kish* (*h* no phenicio sôa como *p* guttural), d'onde vem naturalmente o nome do verbo incasso—*Kishua*, que quer dizer «entrelaçar, tramar, combinar»; d'ahi o vero nome da sagrada lingua dos Incas—*Kichua* e não *quêchua* (!) como erroneamente grapha o Sr. Gomes Soares, da *Folha do Norte*, de Belem.

A puritana lingua *Kichua* na opinião do famoso polyglotta e orientalista Mr. Vicente de Thoron—he tambem uma *lingua primitiva et eadem ratione* co-irman do Tupy.

Ella he falada ainda hoje nas republicas do Perú, do Equador, da Bolivia, no Oriente das Cordilheiras, isto he, na Provincia Argentina do Tukuman.

O Kichua, que provavelmente passou da Asia para a America na epocha prehistorica das primeiras migrações do globo, penetrou o Amasonas, remontou de *proche en proche* o seu sendal potamologico durante seculos e seculos até o seu estabelecimento definitivo nos contrafortes andinos, anti-ramicos, aonde veiu amagalmar-se com o—*Semichincha* e com outros dialectos do Norte, inclusive o nosso Tupy.

Referentemente ao nome Tupi porque he conhecida a lingua falada pelos povos da America do Sul, o seu nome he identico ao da «primitiva geração» da qual procederam tantas e innumeras nações gentilicas.

A palavra Tupy se decompõe assim: *tup'y*, que *ad litteram* quer dizer «principio do pae», scilicet, «princi-

pio da geração, antepassados», para exprimir a primitiva raça.

Origina-se de *tub*, «pae», e *p'y* «principio, origem, tronco, raiz, ponto», perdendo *tub* o *b* por euphonia, por seguir-se palavra cuja lettra inicial he consoante.

Semelhantemente o vocabulo, no tocante á lingua, significa que ella foi a primeira, consoante a phrase latina, *lingua mater*; d'onde a locução indo-brazilena de *Nhenhengatú*, de *n nhen*, «falla, linguagem, palavras,» e *catú* (o *c* permutta em *g* por euphonia, como no grego e no sanskrito—*agathu*, *gatú*, *catú*, o que he bom, agradavel, doce) «bom, melhor», para indicar a sua superioridade, doçura e suavidade.

Nem a palavra *nhenheng*, nem a palavra *nhenhengatú* são denominações estranhas á nossa lingua, como inconscientemente affirmam certos grammaticographos.

O illustre Sr. Varnhagen diz que o nome *Tupi* vem de *T'ypi* «os antepassados», pronunciando-se gutturalmente o primeiro **i** de **t**, relativo e *ipi*, «passado, maiores no tempo.» Quer numa, quer noutra explicação, asseveramos nós com o eximio indianologo Dr. Mendes d'Almeida, sobre o vocabulo—*Tupy*—o resultado he identico. O que não padece duvida he que a primazia da *lingua geral* ou indo-brazilena deu origem á formação de varios dialectos, como o *guarani*, o *calibi*, e o *carayba* etc.

E assim como aos dialectos gregos, o *dorico* e o *eolico*, se attribue a origem da lingua latina, não admira que tambem dialectos da lingua Tupy hajam formado linguas tão diversas, ora faladas por algumas tribus indigenas da America.

A verdade he, diz o supracitado indianologo, que nas duas Americas ha nomes e vestigios que demonstram que a lingua Tupy, ou Indo-brazilena como lhe chamamos, foi a *primitiva* e dominante em todo o continente, de norte ao sul. E isto o provamos no *Brazil Pre-hisco* e na nossa *Synopse Memorial* que vamos publicar

em homenagem ao tricentenario da vinda dos primeiros Portuguezes ao Ceará.

No *Kichua* temos as formas —*tupac-csi*, *naupak-pi' pay-ràk-sapi*, «tronco, a raiz, que no tupy se traduz egualmente por *pay-a-ràpu* (*) a «raiz, o tronco principal.

O vocabulo *Tupy* he tambem oriundo do sanskrito—*tuj*, *tup*, *tub*, «posteridade, descendencia, geração», e de—*yg*, *yp*, «alto, elevado, principal, capital, ponto culminante», como se pode verificar nas lições de Bopp, Wilson, barão de Dumast, Foucaux e Jacolliot. D'est'arte o nome tup'y, com referencia á lingua, significa o que he a primeira, capital, como se diz no Kichua —*kallu-payra* (no grego *kâleo*) a lingua nativa, vernacula, autocthona enfim.

Portanto a nossa lingua Tupy ou Indo-brazilena não he tão desconhecida como pareceu ao nosso illustrado antagonista expondo a sua opinião sobre os vocabulos *pauxi* e *pareci*.

A interpretação que o Sr. Gomes Soares deu á palavra tupyca —*Pauxi* —he falsa porque vae de encontro a todos os dados da sciencia linguistica e da philologia comparada; he falsa, porque funda-se em meras conjecturas e não expõe a base ontologica e semeiotica da combinação do nome; ao passo que a nossa hypothese, alem de mais racional e logica, está d'accordo com os factos glossologicos, e está subordinada aos principios e ás regras infalliveis e mathematicas da *polysynthese*, que he a feição caracteristica das linguas indo-brazilenas ou americanas.

Um abalisado philologo referindo-se ao incomparavel systema de interpretação dos vocabulos indo-brazilenos

---

(*) *Raiz* vem egualmente do latim *radix*, do grego *rhiza*, rad., rheo, «correr, manar», e *zão* (no tupy *Zoé, Coqué*) «viver», *scilicet*, por onde corre a vida e a seiva que vivificam as plantas ou o sangue.

O nome Sangue no tupy é *tué*, *ema*, e vem do grego *hema*, e do sanskrito éma, d'onde a origem do vocabulo *E'ma c'eringa* «arvore de leite», que tem seiva, que vivifica os animaes e as plantas.

exposto pelo doutissimo guaranyologo Dr. Mendes de Almeida observou que: «Negar ao indigena braziliense a *abstracção*, a *analyse*, a *reflexão*, que nada mais são do que especie de *attenção*, seria negar-lhe até a propria *linguagem*, que nada mais he do que um processo de *abstracção*, de *analyse* e de *reflexão*. Nenhum viajante, nenhum observador, deixou jámais de reconhecer que os indigenas abstrahem e dão o nome ás suas abstracções; nenhum viajante, nenhum observador, jámais deixou de reconhecer que os aborigenes reflectem e comparam; nenhum viajante, nenhum observador deixou de reconhecer que os indigenas—*analysam*, *synthetisam*, *generalisam*.»

E os sabios como o barão Alex. de Humboldt. La Condamine, Hunderptfund, Ive d'Evreux, Claude d'Abeville, Hans Staden e geralmente os Jesuitas, os nossos mestres, e, alfim quasi todos os Missionarios que estiveram e viveram annos e annos entre os Indios apontam, até como um predicado especial da raça,—a *habilidade* aliás *rarissima*, com que elles encerram em um *termo complexo*, por exemplo o de—Pauxi, muitas idéas compostas e reveladoras de phenomenos physicos, naturaes e philosophicos.

Na mór parte destes nomes indo-brazilenos, como ja demonstramos em differentes escriptos, revela-se, *prima facie*, o conceito da mente que os instituiu; em outros, com quanto a interpretação seja mais *difficil*, todavia não ha mister de recorrer-se ao *pessimo expediente* das estupidas e grosseiras *corruptelas*, para verificar-se a confirmação do systema e genio da lingua, que he o mesmo da raça aryo-semitica.

Baste ao caso applicar-se com rigorosa observação e experiencia —*a logica da hypothese*, para então ver-se clarividentemente que o nome para o *indigena brasileno* he na verdade a *clavis aurea* ou melhor o *monogramma* da rasão da cousa—*efficiens causa et ratio sapientiae*.

«A hypothese, diz Claude Bernard, he o ponto de partida de todo raciocinio experimental. Os proprios mathematicos formam hypotheses, experimentam, induzem.»

A hypothese, ajunta Mr. Naville, he a *semente de toda a verdade*; recusar systematicamente ou *in absoluto* a hypothese, he o mesmo que recusar toda e qualquer semente por haver sementes infecundas (Vid «La Log. de l'hypoth.»)

Logo a hypothese que formulamos sobre o vocabulo indo-brazileno — PAUXI —he não só verosimil mas tambem *infalivel*, porque tem a seu favor a *base da observação* e os *meios de verificação* indicados pela *pre-historia* e pela paleo-geographia e pela propria structura da palavra — *Pauxi*, —que ora passamos a examinar.

Excepção feita do *s* que plurarisa o nome —*pauxi*— para indicar os Indios que demoravam nestas ignotas regiões —das quaes he extremo a fortaleza *obidosada*—esta palavra complexa he tupy lidimamente composta de—*páu*, *ubau*, verbo «acabar, terminar, cessar, finalisar, «e de —XI— forma variavel de -XA', XE', XU, que significa «terra, campo, bosque, floresta etc,» ;—*pau-xi*—quer dizer simplesmente que: «O campo acabou mesmo.»

Toda a vez que o verbo ou o nome tupy traz a posposição—*i* —com accento agudo, esta (posposição) serve para exprimirperseverança, pontualidade da acção da pessoa ou cousa; *verbi gratia*, *pau-çai*,—acabou toda a ilha,» — *ygarapau-i* «acabou canoa todo o seu curso» ;—*páu-xú-i*, «findou totalmente a terra «—*pau-çapi* «findou mesmo o caminho»; —*ap'g'aua oaçau nhumi*, o homem passou o campo», emfim *ike paua-xi* quer dizer que alli (em Obidos) findou realmente o campo geral.

No Guarany temos as formas monotypicas :—*pau-çabey* «findou campo deserto, *paua-çui*, «fim da floresta, do bosque, «*pauçei*, fim da sahida, *pab-nhum-tabey*, «fim dos campos desertos.»

Logo a polysynthese da palavra tupica—*páu-xi*—he «baiisa, limite, marco, linde, extremidade, termo, terminação, cessação, fecho, confins, raias, terminos,—*fim dos campos geraes* da Amazonia.»

Esta palavra fim (*paua*) que pertence á linguagem

didactica, he muita vez, diz Waugelas, tão ontologica e metaphysica, que a percepção lhe pode abranger o sentido.

Dizer —*ipaua-xá* vel *pau-xi* he a mesmissima cousa que dizer: —Eis aqui o logar onde *ignotos campos geraes*—fizeram fim, *id est* vem *morrer obidosados*... n'esta parte aonde o assombroso Rio-mar se estreita mais depois do Pongo.

Está alli perto d'aquelle *Maryokay* (fortim)—o *pascé* (pongo em sanskrito), o *puncup-cha* (padieira em kichua), o *palus* (balisa em sansk.), a *péssath* (passagem em hebreu), a chave (no tupy *xáui*, no kichua *llaui*, no latim *clavis*, no grego *kleis*), que nos facilita o descobrimento dos immensos pampas (1) paraenses.

Portanto--*Pau-xi* não he mais do que a grande chave, a *magna clavis* da porta principal por onde se vae aos desconhecidos --*parécys*... dos vastos *campos geraes*... até as faldas das gigantescas Cordilheiras dos Andes (2)

Foi pela porta do—*Pauxi*—que o imperterrito collega, e illustrado indianista Padre Nicolini, então Vigario de Obidos, de saudosa memoria, avançou como pioneiro e impavido *sapeur* até junto aos campos geraes. (3)

Por ella entraram os intemeratos exploradores Dr. Francisco Tocantins, Aureliano Guedes e Valente do Couto, que, segundo he fama, conseguiram ainda no Governo do Dr. Lauro Sodré desfraldar aos *ventos alizios* ou

---

(1) A palavra *pampa* na lingua *kichua* significa —campo.

(2) Chave, em kichua—*y-au-laui*, he tudo o que nos facilita o conhecimento de alguma cousa; he a explicação, a interpretação de tudo o que he enigmatico, occulto ou difficil, a *paratita* (pedra em sansk) que fecha a abobada central, a praça forte nas fronteiras, como he realmente—o fortim do *Pauxi!* ¡

(3) Acerca deste illustre sacerdote Padre José Nicolini, que fo Parocho do Caeté (Bragança), Gurupá e ulteriormente de Obidos ou Pauxi temos a publicar uma pequena memoria, que muito elucida a vida deste inolvidavel patriota e catechista brazileno.

equitoriaes o pavilhão republicano por de sobre as immensas campinas *pauxianas*.

Emquanto á palavra -XI—que compõe a dicção—*pau-xi*—não resta a menor duvida que he uma variante do nome *xá. xé, xu.* que no tupy significa, «campo, campina, terra, varzea.» (1)

Baste ao nosso caso articular: — **Ki-xé-rá-mu-bim** —composto tupyco de: —*Ikê* —«eis aqui», —*xê* —«os campos», —*rà*, — «nivelados» —*mu* — unidos, —*bym* —verdes, isto he: «Aqui (estão) os nivelados ou rasos campos unidos verdejantes *Ikêxárámmubym*, contracto em —*Kexárámubym* e corrompido em—*Kixéramobym*, que o nosso compatricio e romancista José d'Alencar traduziu no SERTANEJO pela seguinte fórma: «*Oh! que bonitos campos? !...*

E convem notar que esta foi a unica palavra tupy que o autor do «Iracema», o mavioso cantor do «Ubyrajara»... ao traduzil-a acertou, errando semeiologicamente.

Outro vocabulo complexo he: *Kixadá*, composto de *ikê* aqui (*scilicet* estão),» *xá*, os campos», *dá* «espalhados, retalhados, significando« eis aqui os campos divididos, separados» — *Iké-xá-dá*, syncopado em *Kixádá*.

Outro vocabulo complexo: —*Ke-xá-rá*, composto de —*ikê*, «eis, aqui», *xá*, «os campos», *râ*, «levantados» allusivos a serem aquelles campos altos e baixos», como são exactamente os campos do — *Kixará* (2) que se estendem ao longo da serra do *Kikunká*, ramo da cordilheira do Araripe, no Ceará.

Kêxelô, corruptela de —*Kexêrô*, composto de *ikê*, «logar onde (existem)» *xê*, forma variante de *xá*, «campo», e *ró*, aparrado, rijo, baixo», isto he, «logar de campos carrasquentos» ; allusivo a serem aquelles campos cobertos ou someados de katinga, matto baixo e infezado.

Temos ainda innumeros vocabulos brazilenos com as

(1) A palavra *varzea* vem do arabe *barr* "campo de pouco pendor" e de *sahra*, serra, campina." Não será este o nome que deu origem ao *Saharà* do Sr. Antonio Bezerra?

(2) Por varias vezes tivemos que contemplar os campos altos do Kixará; são esplendidos.

suas competentes formas variantes de—*xá*, *xé* e *xú*, significando sempre «campo, campina, varzea, planicie, terra, «como *exempli gratia*:—*Araxá*, composto de *a*, particula augmentativa, *rà*, «altos e baixos» e *xa* «campos», isto he, «campos, campinas altas, planalto, plató etc»; *a-rá-xi-a*, prados, campos rasos, nhuns; —*xá-ráyé*, significando «campos e florestas alagadas, submersas, como são exactamente os do Amazonas e os de Korumbá.

Convem saber: as particulas *rayá*, *rayé*, *rá*, quer no tupy quer no sanskrito, são particulas que indicam sempre a continuidade activa ou passiva, physica ou moral da pessoa ou da cousa, *verb. grat.*; *Sucu raya*, «morder sempre, sem interrupção e com perseverança»; no Sanskrito e no *Kichua* sobretudo o vocabulo —*aparaya*—sigfica « o que traz comsigo o objecto continuamente, incessantemente, etc.

Cori-xa, vocabulo complexo, de *cori*, «ouro», e *xá*, «campo», isto he: campinas auri-verdes. *Cori* no kichua tambem significa ouro, e *chá*, *acha*, «campo», e *cocha*, «lago», d'onde o vocabulo kichuano—*cori-cocha*, «lago de ouro», *lauri-cocha* (fonte ou nascente do Rio Amazonas), do nome incasico *llauri*, «o que luz e brilha», e *cocha* «lago», *idest*, «lago de ouro ou que luz e brilha», allusivo ao famoso—*Lauri cocha*, o lago aurifero e brilhante, d'onde surge o assombroso Amâçúnú.

Temos alfim o vocabulo brazileno—*Exú*, corruptela de—*Etei-xú*, composto de—*étei* «ultimar, finalisar, soltar, acabar,» e—*xu* «terra», isto he, «confins da terra»; facto allusivo a ser o povoado *Exú* no Estado de Pernambuco, comarca de *Kabrôbó*—os limites, as extremas dos Estados do Ceará, Parahyba, e Rio Grande do Norte.

Do que acabamos de expender resume-se que a palavra *Pauxi*—corresponde admiravelmente á feição caracteristica das linguas agglutinantes e que consiste na composição indefinida das palavras por syncopa e ellipse.

Analysando ainda este vocabulo tupy ou Indo-brazileno—*Pauxy*—sob o ponto de vista da *Philologia Com-*

parada, a hypothese polygenetica ou pobetypica he tambem irrecusavel e infallivel.

Assim— *Pauxy*—que no tupy se compõe de —*páu*— «acabar, finalisar, terminar, cessar», deriva-se egualmente do sanskrito - *pal'ayé*, forma variante —*pala*, *palua*, *pau-a*, «cessar, *finir*, acabar»; do hebraico—*pou*, do phenicio *pauch* (pronuncia *pa-u-chi*); do grego—*pano*, «faire cesser, cesser, finir, «*pausis*» *cessation*, repos, (vid. Antholog. *mikra* de Maunoury—pg. 215); do latim—*pulus*, *pauxi* (concluir), e do Kichua—*puchu*, *tucu*, *verb. grat*: estar acabado—*puchuya*, acabar a obra, *puchu-cay*, *palluay*, *pallua*, egualmente como no saskrito—*pallayé* (s'en-aller) que varia em *paç*, *pâcê*, *pacuyé*, *paxy*, (no grego *pes'so pepto pauo*) - e significa tudo: «acabar, consumar, «exemplo:—«acabou alimentos» *pacyé-unam*; «acabou, findou campos: *paxyé-xá*; d'onde a verdadeira origem do nome *Paécis*, tribu indiatica de que nos fala o nosso illustre e douto collega conego Francisco Bernardino de Souza em suas memorias sobre o *Valle do Amazonas*. Estes indios demoram nas cabeceiras do rio *Orixeminá* (1) alem da sua derradeira cachoeira e d'ahi passaram ou desceram até —*Pauxis* que são, pela parte onde mais se estreita o rio do Amazonas—os confins, limites, bocca ou porta que abre para os campos geraes.

O vocabulo *xa* e suas formas variantes—*xe*, *xi* e *xu* —e que significam «campo, varzea, floresta, terra etc», vem directamente do sagrado idioma dos indios, do Zend'Avesta (lingua viva), do *Pâli* e mormente do Sanskrito—XAMI, XONI, XU, «terra», (no grego temos *kamai*, *ktoni*), e de XAM, XAM, XA, XI, XAYA, e significa propriamente «campo», por extensão «homem dos campos, paysano, rusticano, *rá-xása*, etc., como se pode ver em Wilson, Bopp, Meunier, Dumast e Michel Bréal.

Logo os nomes sanskritos: *xá*, «campo» *xi* «os que habitem campos pingues, bôa terra» *xama*, *xami*, *xoni*, *xaya*,

---

(1) Hoje obidosamente baptisado por *Trombeta* ! ?

«terra, casa, habitação», são identicos aos nomes tupys. No phenicio o vocabulo *cha* tambem significa «campo raso, terra baixa» como -*Cha-naan* (no hebreu he *Ken'-haan*), tal qualmente são os campos e as terras baixas da Palestina, onde moravam os Phenicios ou Chananeus em opposição á terra *d'Aram*, que quer dizer «terra alta» onde habitavam os Arameus ou Syrios. Na lingua Kichua, oriunda do phenicio e como tal co-irman do Sanskrito e do Tupy- o vocabulo «campo, terra, bosque» se traduz por: *kâki*, *acha*, *sacha*, *pâcha*, formas vulgares, *cha*, *sa*, *xa*, *xi*, ou *chi* (no grego temos--*xy*, *xylon*, *ktoni*, «bosque, floresta, terra»); portanto—*puchu-acha*, *púxá*, *pau-acha*, *pasacho*, *pauchi* he a mesmissima cousa que—*Pau-xi* e vem a significar com toda propriedade—**Fim dos campos geraes**—como hemos de ver ainda na explanação do vocabulo—*Parécis*.

Conego RAYMUNDO ULYSSES DE PENNAFORT.

